

## 07

**REPRESENTAÇÕES DO MEDO NO CONTO “A CASA DOS MORTOS”, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA**

Cristina Löff Knapp  
Raíssa Moraes  
Gisele Troian Guerra

*Recebido em 13 out 2022.*

*Aprovado em 02 fev 2023.*

**Cristina Löff Knapp**

Doutora em Letras, Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Professora da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Líder do Grupo Literatura & Gênero. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6722400168399454>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1593-8734>. E-mail: [clknapp@ucs.br](mailto:clknapp@ucs.br).

**Raíssa Moraes**

Graduanda em Letras Português pela Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Bolsista de Iniciação Científica no Grupo de Pesquisa em Literatura e Gênero – UCS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9675630306426764>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3168-214X>. E-mail: [rmoraes6@ucs.br](mailto:rmoraes6@ucs.br).

**Gisele Troian Guerra**

Graduanda em Letras Português pela Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Bolsista de Iniciação Científica no Grupo de Pesquisa em Literatura e Gênero – UCS. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3944400116536862>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4366-0143>. E-mail: [gtguerra@ucs.br](mailto:gtguerra@ucs.br).

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar o conto “A casa dos mortos”, de Júlia Lopes de Almeida, que compõe a obra *Ânsia eterna* (2020), a fim de discutir a representação do medo e a caracterização do ambiente fantástico. Para tanto, utilizou-se as considerações teóricas, Delumeau (2009), Ceserani (2006), Bauman (2008), Campra (2016), França (2011 e 2012), Todorov (2017), a respeito do fantástico e do medo na literatura. A pesquisa será de revisão bibliográfica apoiada nos estudos teóricos do fantástico e dos estudos culturais de gênero. A autora, apesar de sua vasta publicação, ficou por muito tempo à margem da historiografia literária brasileira, e, ainda hoje, são poucos os estudos literários brasileiros que a citam. Dessa forma, é de fundamental relevância trazer à tona os estudos almeidanos, assim como as manifestações insólitas na literatura de autoria feminina.

**Palavras-chave:** “A casa dos mortos”. Júlia Lopes de Almeida. Fantástico. Medo. Literatura de autoria feminina.

**Abstract:** The aim of this article is to analyze the short story “A casa dos mortos”, by Júlia Lopes de Almeida, present in the book *Ânsia eterna* (2020), in order to discuss the representation of fear as well as the definition of the fantastic environment. The theory of Delumeau (2009), Ceserani (2006), Bauman (2008), Campra (2016), França (2011 e 2012), Todorov (2017) regarding the fantastic and fear inside the literature was used. The research is a literature review supported by the theoretical studies of the fantastic and the Cultural Studies of Gender. Julia Lopes de Almeida, despite her vast publication, has been forgotten for a long time in the Brazilian Literature Historiography and, even today, not many Brazilian literature studies mention her. For this reason, it is relevant to bring out the *almeidanos’* studies, as well as the fantastic manifestations inside the feminine literature authorship.

**Keywords:** “A casa dos mortos”. Júlia Lopes de Almeida. Fantastic. Fear. Feminine literature authorship.

## INTRODUÇÃO

O conto fantástico teve sua origem entre o século XVIII e o século XIX. Muitos autores empenharam-se em escrever histórias de caráter fantasioso ou até mesmo de horror. Alguns autores são recorrentes quando mencionamos esse tipo de literatura, como Horace Walpole, E. T. A. Hoffmann, Jacques Cazotte, H. P. Lovecraft, Edgar Allan Poe e vários outros. O apogeu da literatura fantástica deu-se no período Iluminista, herdando do gótico um dos seus traços mais marcantes: o medo.

O medo é um sentimento que assola a humanidade desde o seu surgimento, é um sentimento primitivo que ocorre quando estamos em perigo ou quando não temos domínio de alguma situação. Bauman salienta que “o medo é um sentimento conhecido de toda criatura viva” (BAUMAN, 2008, p. 09), e essa temática foi e ainda é muito explorada na literatura fantástica. Os temas relacionados à morte e à sobrevivência despertam esse tipo de sentimento que se sobressai na literatura fantástica em diferentes partes do mundo e em diferentes períodos de nossa história.

No Brasil, cabe lembrarmos que a vertente literária do fantástico e suas ramificações não tiveram o mesmo impacto do que no resto do mundo, isso porque no século XIX a corrente realista estava em alta no País, principalmente quando nos referimos a escritores como Machado de Assis e Aluísio de Azevedo, que revolucionaram o cenário da época. Desse modo, “é possível perceber que a crítica brasileira tem relegado essa produção [...] e por isso ela permaneceu por muito tempo subestimada e marginalizada” (MARTINS, 2021, p. 33).

Conseqüentemente, a literatura fantástica de autoria brasileira também não teve muitos representantes, lembramos de alguns poucos nomes e, é claro, do nosso maior destaque: Murilo Rubião. Se focarmos na literatura fantástica de autoria feminina, a lista de nomes brasileiros é menor ainda, porém, em meados do século XX já tínhamos uma grande representante, Júlia Lopes de Almeida. A nossa dama da *Belle Époque*, como ficou conhecida na época, teve uma intensa produção literária entre os séculos XIX e XX, inclusive contribuiu na imprensa, mas seus textos são pouco conhecidos. Júlia Lopes de Almeida foi uma escritora que conseguiu viver de literatura. Contudo, após a sua morte, sua obra ficou no esquecimento. Por isso, o principal objetivo de nosso estudo é trazer à tona a análise do conto “A casa dos mortos”, publicado no livro de contos *Ânsia eterna*, com a intenção de discutir o sentimento de medo presente na narrativa, assim como a caracterização do ambiente fantástico.

## **A VIDA E A OBRA DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA**

A escritora realista Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) teve uma vasta produção literária durante sua carreira, a qual transita entre contos, romances, crônicas e peças de teatro; portanto, consideramos importante trazer à tona o estudo de sua contística. Além de produzir diversos gêneros literários, também defendia a educação feminina e o papel da mulher na sociedade e na família. Almeida nasceu no dia 24 de setembro de 1862, na cidade do Rio de Janeiro, local onde viveu até os 7 anos de idade. Assim, ela e a família, composta pelo pai, o médico Dr. Silveira Lopes e a educadora e concertista, Antônia Adelina do Amaral Pereira, mudaram-se para Campinas, em 1869. Desse modo, recebeu o

encorajamento necessário para se inserir no mundo das letras e artístico, afinal a família tinha boas condições financeiras e apreciava a arte.

O pai de Almeida foi uma peça fundamental para incentivá-la a escrever, visto que também foi colaborador de alguns periódicos como o *Gazeta de Campinas*. Júlia Lopes de Almeida começou a escrever muito cedo, incentivada pelo pai, que lhe solicitou um artigo sobre a passagem da atriz Gemma Cuniberti pelo Brasil e, conseqüentemente, o texto ficou tão bom que foi publicado. Esse evento foi a alavanca propulsora de muitas outras contribuições em periódicos, como a coluna “Entre amigas”, da revista *A Mensageira* (1897-1900), dirigida por sua prima Presciliana Duarte de Almeida e a coluna “Dois dedos de prosa”, no jornal *O País*.

Almeida casou-se com o também escritor Filinto de Almeida, em 28 de novembro de 1887, em Lisboa. Após, mudaram-se para o Brasil, primeiro para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo devido ao emprego de Filinto no jornal *A província de São Paulo* (mais tarde *O estado de São Paulo*). Contudo, diante da perda de dois filhos, decidiram se instalar definitivamente no Rio de Janeiro. A família esteve sempre muito presente na vida da escritora, sendo assim, quando foram morar no bairro Santa Tereza, ficaram próximos do local onde a sua irmã, Adelina Lopes, dirigia sua Escola Pública.

Ademais, a autora esteve muito envolvida na fundação da Academia Brasileira de Letras. No entanto, infelizmente, Júlia não pôde assumir uma das cadeiras da ABL, mesmo sendo uma das suas idealizadoras, pois era proibida a participação de mulheres, visto que a Academia seguia o modelo francês. Assim sendo, Filinto assumiu a vaga em seu lugar.

Outros acontecimentos memoráveis na vida de Júlia Lopes ocorreram na época em que ela se consagrou como escritora e ganhou o título de “primeira dama” da *Belle Époque* brasileira (SHARPE, 2000, p. 188), devido ao bom relacionamento com outros escritores renomados da época (Olavo Bilac, Alberto Oliveira, Augusto de Lima, João Luso...). Entre os diversos feitos que a acompanharam nessa fase, um banquete em sua homenagem organizado em Paris, em 1913; a entrega de um álbum de poesias dos escritores mencionados anteriormente, no Brasil, em 1915; e a participação na palestra “Brasil”, 1922, em Buenos Aires, foram alguns dos mais marcantes em sua vida.

Cabe mencionar, também, que a mudança da família para a Europa, a fim de aprimorar os conhecimentos de Margarida, em 1924, uma de suas filhas, e o conseqüente retorno para o Brasil, em 1933, foi um dos últimos acontecimentos na vida de Almeida, pois ela viria a falecer no dia 30 de maio de 1934, devido à malária que contraiu ao viajar para a África. Entretanto, dificilmente foi esquecida por aqueles que a conheciam, visto que “coisa curiosa, era tal o respeito que [...] inspirava, que ninguém se referia ao seu nome sem o anteceder do respeitoso Dona” (ALMEIDA, 2015, p. 207).

Por fim, também ressaltamos o legado da escritora por meio das três fases literárias que compõem sua vida e carreira, segundo a biografia redigida por sua filha Margarida Lopes de Almeida (2015): a imaginosa, a educativa e a pacifista. A primeira delas é marcada pelas obras *A Família Medeiros* (1892), *Memórias de Marta* (1888) e *Cruel Amor* (1911), devido às problemáticas sociais que abordam. Em relação à segunda, *Contos Infantis* (1886) é a obra mais importante, pois foi adotada nas escolas públicas do país. Finalmente, a fase

pacifista está presente na obra *Maternidade* (1925), que reúne uma série de conferências protagonizadas pela autora.

Sem dúvidas, estudar sobre a vida e as obras de Júlia Lopes de Almeida é extremamente importante porque “ela defendeu a emancipação feminina (via educação e exercício profissional)” (LEMOS, 2019, p. 12), “sem relegar - nem atacar - os papéis de dona de casa, mãe e esposa, tradicionalmente reservados às mulheres” (LEMOS, 2019, p. 12).

### A PRESENÇA DO MEDO NA NARRATIVA ALMEIDIANA

O conto “A casa dos mortos”, escrito por Júlia Lopes de Almeida, foi publicado pela primeira vez na imprensa em 1893 e adicionado, em 1903, pela editora H. Garnier, na primeira edição da obra *Ânsia Eterna*. Na década de 30, em 1938, a coletânea foi reeditada pela editora A Noite S.A., que suprimiu alguns contos e integrou outros. Já no século XX, no ano de 2019, o Senado Federal Brasileiro republicou a versão de 1903 de *Ânsia Eterna*, todavia, com dois contos a mais, sendo eles “Incógnita” e “O último raio de luz”, a partir do projeto Coleção Escritoras do Brasil, cujo intuito é divulgar o trabalho de algumas intelectuais brasileiras excluídas pelo cânone literário.

Aliás, a compilação de contos de Almeida foi avaliada por diversos críticos literários, inclusive Lúcia Miguel Pereira, em sua obra *Prosa de ficção (de 1870 a 1920) - História da Literatura Brasileira*; nesse sentido, Miguel Pereira (1988) aborda que *Ânsia Eterna* é a melhor obra da autora, visto que soube utilizar a sensibilidade a seu favor, assim como a simplicidade dela. À vista disso, Júlia se tornou a maior figura feminina de sua época, sendo a referida obra e outras todas reeditadas e apreciadas pelas pessoas.

Dentre as peculiaridades que envolvem as reedições da coletânea de contos acima mencionada, destacamos as que foram abordadas por Viviane Arena Figueiredo em sua tese de doutorado “Resgatando a memória literária: uma edição crítica de *Ânsia Eterna*, de Júlia Lopes de Almeida”. Assim, Figueiredo (2014) demonstra inquietação em relação às modificações feitas pela editora A Noite S.A., de modo que os editores afirmam que a autora teria reorganizado a obra em 1934, porém, tal premissa seria inválida visto que Almeida faleceu em maio e, antes disso, dedicou seu tempo à filha que se encontrava doente, na África. Portanto, a supressão dos contos “As histórias do conselheiro”, “In extremis”, “Esperando”, “Ondas de ouro” e “O véu” e a adição de “O lote 587”, “O coração tem razões” e “O redentor” ainda permanece como um mistério, pois “por que a autora retiraria contos de uma obra? Se, então, existiriam novos contos a serem apresentados ao público, por que, simplesmente, eles não foram incluídos na totalidade da edição de 1938?” (FIGUEIREDO, 2014, p. 66).

Em todo caso, o conto “A casa dos mortos”, como mencionado anteriormente, aparece em ambas edições e, assim como em todos os contos, há uma dedicatória a uma personalidade literária da época, sendo essa a poetisa Francisca Júlia da Silva, a primeira mulher mencionada por Almeida em sua coletânea de contos. De acordo com Figueiredo (2014), ao dedicar seus escritos às mulheres, Júlia estaria pincelando o novo cenário idealizado para as escritoras, poetisas e jornalistas da época, as quais poderiam também viver de literatura, como os homens, assim, quebrando os paradigmas construídos pela sociedade.

Dessa forma, “A casa dos mortos” (2020) narra a história de uma mulher que atravessa a barreira entre o mundo dos mortos

e dos vivos para visitar sua falecida mãe. Ao andar pelo terreno estranho e obscuro, aquela que lhe deu a vida vem ao seu encontro para trocar algumas palavras de consolo e objeção. Nesse ínterim, a cena que se passa no entorno de mãe e filha figura a presença da Morte, entidade “muito alta e muito esguia” (ALMEIDA, 2020, p. 73), que lançava, naquele momento, uma bênção sobre um casal muito jovem de noivos falecidos. A mãe acaba por explicar à protagonista o fato de que só o amor perdura após a morte e, repentinamente, manda-a embora daquele ambiente, já que a casa dos mortos não é lugar para os vivos, naturalmente. Ao estender os braços para tocar sua mãe, o corpo da progenitora se dissipa como névoa. Após esse episódio, a protagonista caminha “sem sentir o solo sob os passos cansados” (ALMEIDA, 2020, p. 73). Ao abrir os olhos desse estranho sonho, seu rosto encontrava-se coberto de lágrimas e suas mãos prostravam-se em cruz sobre o coração.

Pode-se perceber, com base no resumo, que o conto é movido pela vertente fantástica, muito explorada por Júlia Lopes de Almeida no compilado de *Ânsia Eterna*, assim como o mórbido, o desconhecido e o sobrenatural, de modo que o homem é mantido em uma estreita relação com a realidade conhecida que o cerca, sendo impossível desvencilhar-se dela. Todavia, há a presença de uma essência trágica que o desacomoda, fazendo com que seja impossível fugir de seu destino, a morte (FIGUEIREDO, 2014). Consequentemente, tais características nos convidam a exercer uma análise sobre os aspectos fantásticos e a presença do medo em “A casa dos mortos”.

O medo, além de um sentimento de defesa do ser humano, é um dos mais primitivos da sociedade. França (2011) salienta que o

medo está relacionado com a consciência de finitude do homem. Esse sentimento faz parte da literatura fantástica, embora um dos teóricos clássicos da área, Todorov, pontue que esse elemento não seja necessário para que ocorra o efeito fantástico. Segundo ele, esse efeito só é possível a partir da hesitação do leitor. Já Ceserani (2006), teórico de origem italiana, assinala que o medo faz parte da narrativa fantástica, uma vez que poderá conduzir o leitor para um mundo possível para, depois, trazer à tona o impossível, gerando o terror e o medo.

No entanto, não foi sempre que o medo foi aceito socialmente e estudado, principalmente pelo sentido da palavra estar atrelado à covardia e à vergonha. Dessa maneira, entre o período da Antiguidade até tempos mais recentes, especialmente durante a Renascença, apenas a valentia dos heróis da sociedade era exaltada, sendo o medo relacionado aos plebeus (DELUMEAU, 1989). De todo modo, o homem evoluiu e, conseqüentemente, passou a enxergar o medo de outra forma, visto que estava cada vez mais inclinado a estudar sobre o campo da psicologia, que se relaciona ao medo. Portanto, a literatura também se beneficiou desse momento:

Dos *Contos* de Maupassant aos *Diálogos dos carmelitas* de Bernanos, passando por *La débâcle* de Zola, a literatura progressivamente restituiu ao medo seu verdadeiro lugar, ao passo que a psiquiatria agora se inclina cada vez mais sobre ele. (DELUMEAU, 1989, p. 18)

Logo, França acentua que “na ficção o medo parece ser capaz de produzir efeitos de recepção peculiares, sobre os quais os estudos literários vêm refletindo há séculos” (FRANÇA, 2012, p. 187). Dessa forma, surge o medo ficcional, que não coloca em risco

a nossa integridade física, apenas nos expõe à sensação estética do sentimento. É bom sentir o medo a partir da leitura de uma narrativa. Nas palavras de França, a literatura do medo “abarca as literaturas ficcionais em que o medo é um elemento constitutivo da estrutura narrativa, como também aquelas que representam, de modo realista ou alegórico, os medos de determinada época e/ou local” (FRANÇA, 2012, p. 187).

França elenca três possibilidades para a literatura do medo no Brasil, a primeira advém da natureza tendo como ambientação os lugares mais inóspitos e animais ferozes; a segunda evidencia a angústia existencial do ser humano com a sua finitude; e a terceira, por fim, relaciona-se “à imprevisibilidade das ações do outro, a violência e a crueldade do ser humano” (FRANÇA, 2012, p. 188). Dessa forma, como assinala o autor, o sentimento de medo está associado a algo singular, a um sofrimento que não acontece no presente, mas que poderá vir a acontecer, gerando a incerteza e o desespero. França (2011, p. 60), citando Lagrange (1996, p. 173) assinala que estamos sempre correndo perigo, visto que existem coisas que não se manifestam claramente – isso pode ser chamado de medo derivado. Tudo isso, como defende o autor, irá interferir em nossas escolhas.

O medo em “A casa dos mortos” se instaura na temática envolvendo a morte, a qual é temida pelo homem ocidental e causa a ele a sensação de temor (FIGUEIREDO, 2014). Nesse caso, a mãe da protagonista é o ente querido que é deixado para trás, sendo assim, não há a superação desse acontecimento e, conseqüentemente “o medo reside, então, não só na impossibilidade do homem em encontrar uma saída para seu

fenecimento, mas também na falta de respostas definitivas sobre essa temática” (FIGUEIREDO, 2014, p. 72).

Portanto, é necessário perceber que a protagonista se encontra em uma rede de ilusões alimentadas pelas memórias que possui da mãe, a qual ora a rejeita ora a deseja para perto de si (FIGUEIREDO, 2014), como observamos no contraste entre os seguintes trechos: “Não me toques! não me beijes! Todo o meu corpo se desfaria ao mais leve contato...” (ALMEIDA, 2020, p. 72) e “Saudades? tinhas saudades? Pobrezinha!” (ALMEIDA, 2020, p. 72), dessa maneira, o momento em que ocorre a quebra de expectativas da narradora a faz perceber que o mundo dos vivos não pertence mais à sua mãe e, com isso, somos convidados a analisar as aparições do medo dentro da teoria do fantástico. Por isso, o estudo da obra *Territórios da ficção fantástica* (2016), de Rosalba Campra, torna-se relevante para as pesquisas envolvendo o tema medo-morte devido a abordar sobre as fronteiras do fantástico, as dúvidas dentro do texto e, finalmente, os vazios e o silêncio.

Inicialmente, percebemos que a mulher, personagem principal do conto almeidiano, a qual não sabemos o nome, se transporta para uma realidade da qual desconhece, o mundo dos mortos, pois observamos na narrativa um homem que a proíbe de continuar sua jornada: “Por que vieste atrás de mim? Esta é a casa dos mortos. Vai-te embora! A estrada negra é proibida aos vivos; és o primeiro que a percorre toda sem ter morrido...” (ALMEIDA, 2020, p. 71), representando, assim, uma transposição entre fronteiras, pois, como assinala Campra (2016), os mortos não transitam pelo espaço dos vivos, então não haveria a possibilidade de ambos se fundirem.

Entretanto, não sabemos, ao certo, se a protagonista está viva, pois o final deixa o leitor em dúvida: “Caminhei, caminhei, sem sentir o solo sob os passos cansados; e quando abri os olhos deste estranho sonho tinha o rosto coberto de lágrimas e as mãos em cruz sobre o coração” (ALMEIDA, 2020, p. 73), isso porque o ato de deixar as mãos em cruz sobre o coração faz alusão à posição em que os falecidos são postos nos caixões, assim, há a implementação da dúvida no texto. Junto a isso, o fato da narrativa ser em primeira pessoa do singular também influencia em não podermos considerar os acontecimentos da narrativa, como o mencionado anteriormente, totalmente verdadeiros porque “sua verdade, por exemplo, pode ser definida como alucinação” (CAMPRA, 2014, p. 98).

Por fim, segundo Rosalba Campra (2016) “o sistema prevê a interrupção do processo comunicativo como condição de sua existência: o silêncio na trama do discurso sugere a presença de vazios na trama da realidade” (CAMPRA, 2014, p. 120-121). Portanto, em “A casa dos mortos” isso não seria diferente, pois como abordamos anteriormente, o final da narrativa é deixado em aberto e, conseqüentemente, essa característica convida o leitor a desfrutar dos seus conhecimentos de mundo para interpretar o destino da protagonista: sua morte ou devaneio. Todavia, o leitor pode até supor a totalidade da história, mas não a possui, pois a parcialidade está submetida a uma ordem que não foi escolhida por ele, e sim pela voz narrante (CAMPRA, 2014).

Outro teórico que vem ao encontro da linha fantástica do conto é Remo Ceserani com o livro *O fantástico* (2006), dessa maneira, alguns dos seus procedimentos formais e os sistemas temáticos do fantástico serão abordados a seguir, em especial, “A

noite, a escuridão, o mundo obscuro e as almas do outro mundo” (CESERANI, 2006, p. 77) e “A aparição do estranho, do monstruoso, do irreconhecível” (CESERANI, 2006, p. 84).

A ambientalização do espaço é um aspecto importante para construir o fantástico, logo, para Ceserani, a ambientação preferida pelo fantástico é aquela que remete ao mundo noturno e, desse modo, “a linguagem da noite é a linguagem do inconsciente” (CESERANI, 2006, p. 77). Exemplificando esse aspecto, temos a passagem “Que frio e que negrume!” (ALMEIDA, 2020, p. 71), que instantaneamente cria uma imagem mental e uma sensação para aquele que lê e o situa na realidade criada pelo narrador, assim como a presença dos vultos mal definidos e das sombras esparsas e flutuantes no conto.

Além disso, outro aspecto que não podemos deixar de mencionar e que é muito recorrente nas narrativas fantásticas, principalmente nessa, é a presença do estranho, nesse caso, a Morte que, “em pé, muito alta e muito esguia, diante dos dois caixões, lançava-lhes uma bênção vagarosa, larga, com dizeres que eu não entendia” (ALMEIDA, 2020, p. 73). Assim, Ceserani considera essa aparição como perturbadora para a personagem, de modo que coloca em crise o equilíbrio da razão.

O teórico estruturalista Todorov, ao conceituar o gênero fantástico em sua *Introdução à literatura fantástica* (2017), pontua que, em um mundo que é exatamente como o nosso, verossímil, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis e pela racionalidade desse espaço familiar. Partindo dessa situação inicial, aquele que percebe esses fenômenos deve recorrer às duas

soluções possíveis e optar por uma delas: ou a percepção desse acontecimento é produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são, ou o acontecimento realmente ocorreu e é parte integrante da realidade, então as leis que regem essa realidade são desconhecidas por nós. É justamente nessa incerteza que ocorre o fantástico: ao escolher uma das duas opções, deixa-se o fantástico para entrar em outros dois gêneros vizinhos, o estranho ou o maravilhoso (TODOROV, 2017, p. 30).

Além disso, para o autor, a presença do medo está frequentemente ligada ao fantástico, mas não se apresenta como condição necessária (TODOROV, 2017, p. 41). Em contrapartida, Roas (2014) e Lovecraft (1987) consideram que o medo seja imprescindível para a consolidação desse gênero.

No conto “A casa dos mortos” (2020), não há uma súbita invasão do acontecimento sobrenatural à realidade verossímil: o que se sucede é a invasão do mundo dos mortos pela protagonista. Mesmo que essa invasão esteja concretamente expressa na narrativa, não há uma explicação para a forma como a personagem adentrou ao cenário dos mortos. Ainda assim, essa inversão não coloca em jogo, no conto, o efeito de hesitação – imprescindível para a construção do fantástico, na visão de Todorov – e de outros elementos característicos do gênero. É importante pontuar, inclusive, que ao longo de toda a busca da personagem pela sua mãe, não são dados ao leitor indícios que apresentem aquele lugar – a casa dos mortos – como um espaço verossímil. Não há, portanto, uma construção convencional de mundo “normal” condizente com o mundo real para que haja, posteriormente, o irrompimento da situação sobrenatural na narrativa. Mesmo assim, é possível

averiguar outros elementos que acabam por conduzir a narrativa à construção teórica de Todorov.

Para isso, é preciso que direcionemos nossa atenção ao fato já mencionado anteriormente, à luz da teoria de Campra (2016), de que há dúvidas relacionadas ao estado da protagonista: ela estava sonhando ou realmente adentrou ao mundo dos mortos? Ao nos depararmos com essa questão, trazemos à tona a teoria da hesitação de Todorov. Para ele, o conceito de fantástico se define em relação ao real e ao imaginário (TODOROV, 2017, p. 31), já que há um fenômeno que pode ser explicado sob dois pontos de vista, o natural ou o sobrenatural, e a possibilidade de hesitação entre as duas opções, isto é, a hesitação do leitor implícito e da personagem é, pois, a primeira condição para o fantástico (TODOROV, 2017, p. 37).

Efetivamente, no conto de Júlia Lopes de Almeida, a hesitação está presente no momento final da narrativa: no momento em que a protagonista é guiada por um homem de capuz para fora do mundo dos mortos, sua caminhada acaba por fazê-la parar de sentir o solo debaixo dos próprios pés; ela, portanto, abre os olhos e sai de seu sonho estranho, com “o rosto coberto de lágrimas e as mãos em cruz sobre o coração” (ALMEIDA, 2020, p. 73). Esse trecho final instaura no leitor a dúvida acerca da ambiguidade construída pela história, ou seja, não é possível concluir, após uma leitura atenta, se a protagonista realmente viveu a experiência de adentrar no mundo dos mortos ou se tudo isso se tratou de uma ilusão de sentidos, provocada a partir do excesso de lucidez presente no sonho da protagonista.

Retomando o pensamento de Delumeau (2009), entre as características que circundam o medo, ele pode desenvolver uma

doença, criar bloqueios, paralisar ou ser o gatilho para a involução do indivíduo. Desse modo, essa sensação de temor pode aparecer de formas diferentes, dependendo de como a pessoa reage, como a protagonista do conto, a qual representa sua reação por meio da insegurança que sente, representada como o “símbolo de morte” (2009, p. 23), ao contrário da segurança, que é o símbolo da vida, pois a mãe demonstra indiferença em relação à filha, como abordamos anteriormente, na análise. Ademais, esse medo é um caminho para a suposta “morte” da protagonista, ou como assinala Delumeau, sua involução, afinal não sabemos ao certo o que definiu o seu fim, sendo esse o fim do seu sofrimento e, conseqüentemente, do medo.

Roas (2014, p. 58-59), ao se referir a esse efeito, descreve preferir o termo “inquietação”, uma vez que utilizando “medo” não está falando de medo físico ou da intenção de provocar susto no leitor ao final da narrativa, mas da reação diante da possibilidade efetiva do sobrenatural ante a ideia de que a realidade pode ser invadida pelo real. Ou seja, de acordo com Roas, o choque que ocorre entre o real e o inexplicável nos obriga “a questionar se o que acreditamos ser pura imaginação pode chegar a ser verdade, o que nos leva a duvidar da nossa realidade e do nosso eu, e diante disso não resta nenhuma outra reação a não ser o medo” (ROAS, 2014, p. 61). Desse modo, como resultado de uma possível hesitação, que decorre da dúvida entre a verdade e a imaginação, há aquilo que se denomina, de acordo com Roas, como medo ou inquietação.

No conto de Júlia Lopes de Almeida, a protagonista, ao adentrar na casa dos mortos, se depara com as trevas; além disso, a escuridão se faz presente em toda a passagem dela e assola seu caminho. Mesmo que ela descreva seu trajeto exaltando o fato de

que estava sem medo, há a presença de um homem que questiona o caminho da personagem e há, também, uma série de elementos que fazem com que ela tente resistir ao seu pavor para poder concluir o objetivo de se encontrar com a própria mãe, já falecida:

E fui, sem medo, até que os passos pararam e uma porta se abriu sem rumor, larga e macia. Veio uma rajada; encostei-me ao umbral e divisei então, a uma luz frouxíssima, uns vultos mal definidos, quase apagados. Perto de mim um homem, embuçado como um esquimó, tirou da cabeça um fardo e pousou-o no chão; depois, voltando-se, disse-me com uma voz soluçada como o vento na ramaria de um salgueiro:

– Por que vieste atrás de mim? Esta é a casa dos mortos. Vai-te embora! A estrada negra é proibida aos vivos; és o primeiro que a percorre toda sem ter morrido... (ALMEIDA, 2020, p. 71)

A sua luta contra o medo causado pelo cenário e pelos elementos tétricos se traduz no parágrafo seguinte do conto:

Sombras esparsas iam tomando formas humanas e vinham curiosas, lentas, resvalando, debruçarem-se sobre o meu corpo, em atitude de espanto. Eu resistia ao pavor e sófrega perscrutava tudo, em busca daquela que me deu a vida, que me enchia as faces de beijos, que me embalava com as suas palavras mais cheirosas que o mel das abelhas em tronco de especiaria. (ALMEIDA, 2020, p. 71)

Há, dessa forma, a inquietude descrita por Roas (2014, p. 58-59), traduzida pelo desconforto da jovem, que, ao buscar pela figura de sua mãe, se depara com todas as singularidades do mundo sobrevida, mundo que ela não deveria frequentar, mesmo que tenha sido por um breve período de tempo. Por mais que a

personagem tente fugir das situações que a defrontam e a levam a sentir pavor, sua tentativa é de se concentrar no seu foco, que é o encontro com a própria mãe, e esquecer – ou tolerar – todas essas presenças do pós-vida que habitam a casa dos mortos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações levantadas acerca da presença da literatura fantástica e, nesse caso, do medo no conto de Júlia Lopes de Almeida, com base nas considerações de Todorov (2017), Campra (2016) e Ceserani (2006) no que diz respeito ao insólito na narrativa e nas considerações de Delumeau (2009) e Roas (2014) no que concerne ao medo nessa produção literária, pôde-se destacar que o conto “A Casa dos Mortos” exala o sentimento da inquietude que é a propulsora do acontecimento insólito na narrativa.

Por mais que o medo neste conto não esteja nitidamente presente na reação da protagonista frente a todos esses elementos póstumos que compõem o cenário da casa dos mortos, pode-se observar que as referências descritas pela personagem levam o leitor a crer que esse desconforto e inquietude, reações que são resposta à série de elementos póstumos, demonstram o que se pode chamar de medo na narrativa.

Quanto à construção do fantástico no conto, a teoria de Todorov, principalmente, se encaixa a essa produção literária de Júlia no que diz respeito ao sentimento de hesitação gerado no leitor e na protagonista ao final da narrativa, já que a semente da dúvida plantada pelo contexto insólito – que joga com as evidências que pendem para uma resolução real ou uma resolução não real dos acontecimentos – é o principal efeito da narrativa.

Além disso, a vertente literária do fantástico, no Brasil, não foi explorada devidamente, pois outras concepções foram priorizadas. Por conseguinte, os autores da época não tiveram o devido reconhecimento, principalmente se eram mulheres. Então, ao buscar a escritora Júlia Lopes de Almeida, instantaneamente, é possível perceber sua relevância no mundo das letras, afinal ela se transportou por várias temáticas, entre elas, a narração de costumes, ligada ao Realismo, o contexto educativo, o qual atuou junto à sua irmã e o conto fantástico, em especial, relacionado ao medo, além de outras.

Assim, o artigo “Representações do medo no conto ‘A casa dos mortos’”, de Júlia Lopes de Almeida buscou abordar os traços do medo e do insólito na narrativa, a fim de contribuir para a análise de uma temática que foi pouco explorada e, corroborando para o resgate da escritora e da vertente.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Margarida Lopes de. Biografia de Dona Júlia. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. *O funil do diabo*. Florianópolis: Editora Mulher, 2015.
- ALMEIDA, Júlia Lopes de. A casa dos mortos. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Ânsia eterna*. Brasília: Senado Federal, Col. Escritoras do Brasil, p. 69-71, 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CAMPRA, Rosalba. *Territórios da ficção fantástica*. Tradução de Ana Cristina dos Santos. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016.
- CESERANI, Remo. *O Fantástico*. Curitiba: UFPR, 2006.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FIGUEIREDO, Viviane Arena. Resgatando a memória literária: uma edição crítica de *Ânsia Eterna* de Júlia Lopes de Almeida. Orientador: Ceila Maria.

Ferreira. 2014. 512f. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

FRANÇA, Júlio. Fontes e sentidos do medo como prazer estético. In: FRANÇA, Júlio (Org.). Anais do VII Painel Reflexões sobre o Insólito na narrativa ficcional. II Encontro Regional Insólito como Questão na Narrativa Ficcional. Simpósio 2: O medo como prazer estético: o insólito, o horror e o sublime nas narrativas ficcionais. *Insólito, mitos, lendas, crenças*. Rio de Janeiro: Dialogarts, p. 58- 67, 2011. Disponível em: [http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/VII\\_painel\\_II\\_enc\\_nac\\_simposio\\_2.pdf](http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/VII_painel_II_enc_nac_simposio_2.pdf). Acesso em: 26 mar. 2020.

FRANÇA, Júlio. Monstros reais, monstros insólitos: aspectos da literatura do medo no Brasil. In: GARCIA, F.; BATALHA, M. C. (Orgs.). *Vertentes teóricas e ficcionais do insólito*. Rio de Janeiro: Caetés, p. 187-195, 2012.

LE MOS, Cleide. Apresentação. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Ânsia eterna*. Brasília: Senado Federal, p. 7-15, 2019.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *O horror sobrenatural na literatura*. Tradução de João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

MARTINS, Ana Paula dos Santos. *O Fantástico e suas Vertentes na Literatura de Autoria Feminina no Brasil e em Portugal*. São Paulo: Edusp, 2021.

MIGUEL PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920) - História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Edusp, 1988.

ROAS, David. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. Tradução de Julián Fucks. São Paulo: Unesp, 2014.

SHARPE, Peggy. Júlia Lopes de Almeida. In: MUZART, Zahidé; ARAÚJO, Nara. *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. 2.ed. Florianópolis: Mulheres, v. 2, p. 188-238, 2000.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.